



Gestão e parcerias no Jornalismo Comunitário: alguns desafios¹.

Gabriela Glória de CASTRO²

Verônica Dantas MENESES³

Resumo: No presente trabalho investigou-se o protagonismo da comunidade do Setor Santa Bárbara da cidade de Palmas– Tocantins, no informativo *Folha do Santa Bárbara*, jornal comunitário do bairro. Analisou-se o conteúdo de todas as matérias de três edições, observando a relação entre a formação identitária e a comunicação comunitária. Por um lado, conclui-se que o jornal comunitário, por ser um espaço onde ocorrem trocas simbólicas, contribui para construir a identidade cultural do bairro. Por outro lado, o fato de o jornal ser desenvolvido por meio de projetos do Governo Federal e outros atores sociais trouxe ainda reflexões sobre como se dá essa parceria que pode desfavorecer o processo produtivo comunitário, mas também dinamizar os discursos da comunidade.

Palavras-chave: Identidades; Jornalismo Comunitário; *Folha do Santa Bárbara*.

Introdução

Especificamente no contexto latino-americano o empenho em se fazer jornalismo comprometido com os princípios democráticos e a emancipação dos cidadãos se acentua

¹ Resumo expandido de Trabalho apresentado no GT 7 – Mídia Alternativa, do I Seminário de História da mídia da Região Norte.

² Graduada em Comunicação Social pela UFT, em março de 2010 – Campus de Palmas – gabigloria@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela UnB, professora do curso de Comunicação Social da UFT. Contato: veronica@uft.edu.br

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

com as ditaduras militares dos anos 1960 a 1980. “É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.08). A multiplicação das práticas de jornalismo comunitário pode, assim, contribuir para o desenvolvimento não só de uma comunidade, mas de toda uma cidade e até de todo um país, em especial de um país com tantas desigualdades como o Brasil.

A cidade de Palmas, capital do Tocantins, é um reflexo da exclusão social brasileira. Criada no ano de 1989, a cidade passou (e passa) por um processo de urbanização que expulsa os mais pobres para a periferia. Trata-se de uma cidade planejada que conta com espaços vazios em seu plano diretor e áreas irregulares e mal ocupadas fora do mesmo, favorecendo ao mesmo tempo a especulação imobiliária e a segregação sócio-espacial.

O bairro Santa Bárbara, na região sul de Palmas/TO, é um exemplo dessa segregação. Surgido em 1999, a partir de ocupação realizada em fazenda da região, atualmente contempla melhores estruturas, devido a programas sociais lá implantados como o Projeto Habitar Brasil BID-HBB⁴, desde 2002. Um dos braços do HBB é o projeto “Comunicação, Cultura e Cidadania no Santa Bárbara”, desenvolvido pelo curso de Comunicação da Universidade Federal do Tocantins. Como resultado da oficina “Jornal Impresso e Pequenos Meios”, foi produzido o jornal comunitário *Folha do Santa Bárbara*, que conta com três edições impressas. O jornal é fruto de discussões com a comunidade sobre o seu cotidiano, em que as pautas são discutidas e as matérias produzidas por alunos de jornalismo e alguns membros da comunidade.

Nosso objetivo é refletir sobre o papel da comunicação comunitária em sua relação com a formação identitária. Além disso, pretendemos analisar o conteúdo do jornal *Folha do Santa Bárbara*, descrevendo os principais assuntos presentes e o

⁴ O programa tem como órgão gestor o Ministério das Cidades e a Caixa como agente financeiro, técnico e operacional e responsável pela implementação do programa. Em nível municipal, a administração é da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Meio Ambiente e Habitação (Sedumah). O HBB também conta com o projeto social “Fazendo Acontecer o Santa Bárbara” que inclui ações para a geração de emprego e renda, mobilização e organização comunitária e educação sanitária e ambiental. Como forma de articular todas essas ações foi proposto o projeto “Comunicação, Cultura e Cidadania no Santa Bárbara” desenvolvido por alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins que acontece desde novembro de 2007. O projeto de extensão, financiado pelo HBB, tem o intuito de promover a cidadania e o desenvolvimento na comunidade através da comunicação popular.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

processo de construção do jornal comunitário; além de identificar os principais elementos que visam fixar a identidade dos moradores do bairro Santa Bárbara presentes em seu jornal comunitário e de que maneira eles são protagonizados.

E a partir deste caso podemos iniciar uma discussão sobre as mediações presentes na construção de um veículo coletivo de comunicação. Essas parcerias na gestão dos meios interferem no resultado que a comunidade deseja ver?

Para a presente pesquisa a técnica utilizada foi a análise de conteúdo. A etapa de organização da análise compreendeu uma exploração do material e constituição do *corpus* de pesquisa (BARDIN, 1977). No presente trabalho foram escolhidas as três únicas edições que o jornal comunitário *Folha do Santa Bárbara* teve até o momento do estudo: a primeira em maio de 2008 que apresentou 20 matérias; a segunda em setembro de 2008 com 23 matérias e a terceira em junho de 2009 com 27 matérias, totalizando 70 matérias analisadas.

A partir de uma leitura crítica dos jornais e com base no referencial teórico definimos as variáveis e categorias de análise do conteúdo das edições do Jornal: a autoria das mensagens, o assunto abordado e o protagonismo das matérias.

Após a percepção geral da produção do conteúdo do jornal e da forma de produção das mensagens, partiu-se para a verificação das categorias relativas ao Jornalismo comunitário e às questões de identidade. A organização e cruzamento dos dados foram desenvolvidos com a ajuda do *software* SPSS (*Statistical Program for Social Sciences*).

Comunidade e Identidades Culturais

Peruzzo (2004) afirma que a comunicação popular (comunitária ou alternativa) serve como complemento às informações dos grandes veículos comunicacionais e também às próprias informações dirigidas aos setores populares. Mas vai além, pois é uma comunicação voltada para as necessidades dos movimentos sociais e das comunidades envolvendo consciência coletiva, organização e ação dentro de cada dinâmica. Tal comunicação não pode prescindir da participação, que implica

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

envolvimento nos processos decisórios através da discussão, da informação, do planejamento, avaliação, criação e execução.

Assim sendo, o jornalismo comunitário desenvolve uma forte relação com a localidade o que é quase impossível no âmbito do jornalismo de massa, pois se refere ao particular de cada lugar. Dessa forma, pode contribuir para desenvolver relações de pertencimento em uma comunidade, como o bairro, onde as relações sociais se apresentam com uma proximidade que deve ser também trabalhada no veículo comunitário.

A proximidade entre as pessoas é a principal característica do meio comunitário. As pessoas se conhecem e se reconhecem (como dizia Paulo Freire) nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos. Essa reconhecibilidade também exige uma linguagem referenciada aos costumes do grupo social. É uma linguagem coloquial, de fácil entendimento, reconhecível em suas gírias e modismos (CELSO apud BICUDO; SEQUEIRA, 2007, p.08-09).

Ou seja, o jornalismo comunitário mobiliza conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, constroem e reconstroem identidades coletivas que mobilizam suas ações em torno de objetivos comuns: ao mesmo tempo em que posicionam o indivíduo em um lugar dentro do grupo constroem laços de reconhecimento e de representação deste grupo para a sociedade.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p.17).

A partir daí, as identidades são posicionadas e construídas, ou seja, nos apropriamos de sistemas simbólicos e com eles realizamos práticas de significação que garantem a nossa representação no mundo. Trata-se de reconhecer que a comunicação é a grande responsável por (re)criar identidades e dar sentido à vida em comunidade já que “na conjunção de trocas simbólicas as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais. A comunicação seria a responsável por sociabilizar essas identidades e promover o sentimento de pertencimento” (FERNANDES; LEAL, 2008, p.08).

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Contudo, é importante mencionar que a proximidade também evidencia conflitos, contradições e interesses no interior dos grupos e comunidades. E neste aspecto, a comunicação comunitária pode não cumprir sua função mobilizadora e democrática, uma vez que quem detém o meio de comunicar tem o poder de estabelecer qual representação pode ser privilegiada em detrimento de outras, pois, o discurso enquadra as noções que serão usadas para formular o discurso oficial de uma determinada identidade e dar forma à realidade.

Tal situação pode ser explicada pela relação entre identidade e diferença. Woodward (2000) afirma que através da marcação da diferença, as identidades são fabricadas tanto por sistemas simbólicos quanto através de formas de exclusão social. A diferença é definida através de sistemas classificatórios que aplicam princípios que distinguem um grupo do outro, criando pelo menos dois grupos opostos.

Os sistemas classificatórios são importantes na medida em que também contribuem para a coesão social. Entre os membros de uma sociedade há um consenso sobre como classificar as coisas. Isso é o que mantém a ordem social. Dessa forma, a cultura também pode ser um conjunto de valores partilhados que ditam a vida em sociedade, induzindo todos a agir da mesma maneira. “Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (WOODWARD, 2000, p.41).

Vale a pena lembrar que toda discussão atual sobre identidade e diferença ganhou novos contornos devido à dinâmica social da diáspora. Os movimentos de diáspora formados pelas migrações humanas, onde um grupo precisa reconstruir sua cultura em um território diferente, subvertem a identidade que busca se impor como fixa e desestabilizam as antigas crenças, uma vez que o novo ambiente cria demandas diferentes, pois, “ao colocar em contato diferentes culturas e ao favorecer processos de miscigenação, colocam em movimento processos de hibridização, sincretismo e criouliização cultural que, forçosamente, transformam, desestabilizam e deslocam as identidades originais” (SILVA, 2000, p. 88).

Sendo assim, a identidade é relacional, geralmente depende de algo fora dela para existir, de outras identidades das quais possa se diferenciar. Geralmente, um grupo

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

tenta forjar uma identidade com um núcleo essencial que pode ser um passado histórico comum ou alguma etnia. Mas é importante compreender que há descontinuidades entre o que dado e o que é recebido, pois a identidade não é universal, ao contrário, mantém no seu interior heterogeneidades e conflitos os quais são dirimidos por meio de construções simbólicas e discursivas.

As narrativas que circulam por meio da comunicação determinam os sentidos que terão relevância, condicionando a percepção do real. “A percepção da realidade que os indivíduos têm é sempre influenciada pelos códigos apreendidos durante os processos de socialização – ou seja, os discursos presentes nas interações sociais acabam por designar algumas chaves de leitura preferenciais sobre a realidade” (BRINATI E LEAL, 2009, p.04).

A simples presença de um meio de comunicação mediando as relações sociais traz mudanças aos hábitos, funcionamento das instituições, relações interpessoais e vários outros âmbitos da vida social. Mudanças estas evidenciadas tanto pelo processo de (re)construção e (re)afirmação das identidades, do repertório e dos valores coletivos quanto pela assimilação de outros discursos provenientes dos grupos externos que a essa comunidade se integra no desenvolvimento de projetos para a comunidade.

Protagonismo da comunidade no Folha do Santa Bárbara

Uma das etapas do Projeto Cultura, Comunicação e Cidadania no Santa Bárbara, como já dissemos, foi a oficina Jornal Impresso e Pequenos Meios e teve como resultado a produção do jornal comunitário *Folha do Santa Bárbara*, que contou com quatro edições, das quais três foram analisadas pela presente pesquisa, quais sejam: maio de 2008, setembro de 2008 e junho de 2009. Fruto de discussões com a comunidade e da observação de alunos e professores da UFT, o jornal se configurou como um espaço de representação dos moradores e, portanto, mais do que informação o jornal também pode ser um lugar em que discursos são organizados e identidades são criadas.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

As pautas foram discutidas com a comunidade no primeiro momento do projeto, as oficinas, e as matérias produzidas por alunos de jornalismo e, no caso da primeira edição, por alguns membros da comunidade.

Essa peculiaridade no processo de produção do jornal suscita algumas implicações no que diz respeito à real representação do veículo como um espaço identitário da comunidade e, concomitantemente, a efetiva participação da comunidade no jornal. Sendo assim, uma questão abordada neste artigo é, portanto, entender, a partir da análise dos assuntos presentes e o processo de construção do jornal comunitário, os principais elementos que visam fixar a identidade dos moradores do bairro Santa Bárbara, de que maneira eles são protagonizados e se a parceria com outros atores implica em prejuízo do caráter comunitário do jornal.

Com a análise da autoria e do protagonismo das matérias das três primeiras edições do jornal foi possível perceber que houve pouca participação da comunidade no processo de construção do jornal, pois os moradores tiveram pouco espaço para, de fato, escreverem matérias.

Esta situação pode ser comprovada pela pouca frequência com que a comunidade contribuiu como autora de mensagens para o jornal. Das 70 matérias apenas 12 foram escritas pelos moradores. Já o jornal foi responsável por 43 matérias. Também existe um número considerável de matérias (12) onde a autoria não é identificada⁵.

De acordo com Peruzzo (2004), a participação é um dos elementos fundamentais na comunicação de caráter comunitário. É através de um processo participativo que os membros de uma comunidade podem conquistar maior autonomia e ter o poder de falar sobre si, de representar-se. No entanto, a participação em todos os processos decisórios que produz um jornal é algo a ser conquistado. Com esta observação, é importante notar que existem vários níveis de participação que vão desde a discussão das pautas até o *feedback* da comunidade, passando pela gestão do jornal e produção de mensagem. Mas o interessante é que a comunidade possa se envolver cada vez mais, construindo seu veículo, o que implica a presença coletiva em mais de um destes níveis.

⁵ Por não haver certeza da autoria, algumas matérias foram classificadas com autoria não identificada, mas também pode-se dizer que são de responsabilidade do jornal. No entanto, por questões metodológicas, no decorrer da análise continuaremos a considerar o jornal como autor de 43 matérias, as que estão efetivamente identificadas.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

O que se tornou agravante no caso da pouca participação dos moradores na produção do *Folha do Santa Bárbara* foi o fato de que todas as 12 matérias escritas pela comunidade estão presentes apenas na 1ª edição do jornal. Em contrapartida, a autoria representada pelo jornal aumentou a cada edição, sendo que na 3ª edição o jornal foi o único autor; inclusive todas as matérias, exceto o editorial, estão assinadas por alunos do curso de jornalismo. O importante para uma comunicação participativa é que a autoria da comunidade aumentasse gradativamente e não simplesmente desaparecesse.

Estes dados mostram que os interesses de projetos comunitários encabeçados por instituições diversas, neste caso os Governos Federal e municipal e a Universidade Federal do Tocantins, podem desarticular os objetivos iniciais da ação, objetivos estes já apresentados anteriormente.

Por outro lado, em 64,3% das matérias, a comunidade foi a maior protagonista, participando como fonte principal das reportagens. Além disso, também houve o protagonismo de outros atores, com 17,1% das matérias, tais como instituições e ONG's que desenvolvem projetos também ligados à habitação, cidadania, geração de renda e sustentabilidade no Santa Bárbara ou em outras localidades. Um exemplo é o SEBRAE, em matéria sobre o projeto Urbe, que capacita os moradores para trabalhar com panificação (*Folha do Santa Bárbara*, setembro/2008, p.05). O governo e/ou projeto HBB e o projeto de extensão também apresentaram um protagonismo expressivo com, respectivamente, 8,6% e 10% de frequência nas matérias.

O protagonismo do povo é uma das características principais do jornalismo comunitário. Em um veículo dessa natureza é de suma importância que a comunidade se mostre, pois dessa forma é possível um resgate da cultura e de laços comunitários e, no caso do Santa Bárbara, até da auto-estima da comunidade. Com o grande protagonismo que a comunidade apresentou, sobretudo quando os assuntos abordados foram as *demandas, cotidiano e história da comunidade*, o *Folha do Santa Bárbara* cumpre uma das premissas do jornalismo comunitário que é a valorização da realidade local e estabelece uma relação de maior proximidade com o público ao qual se destina.

Dentre os assuntos mais abordados, as *demandas da comunidade* (falta de creche, escola que não funciona adequadamente, problemas de transporte coletivo e saúde, falta de áreas de lazer, projetos e iniciativas carentes de apoio etc.) aparecem em

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

30 % das matérias analisadas, compondo a maioria das temáticas do jornal. Além disso, o *cotidiano da comunidade* (matérias sobre reciclagem, dicas para cuidar do jardim, costumes dos moradores, etc.) foi outro assunto de grande destaque com 27,1% das matérias.

Outro assunto abordado, com 15,7% das matérias, foi a *história e conquistas da comunidade*, com matérias que falaram sobre as lutas que a comunidade enfrentou e enfrenta para se estruturar, os recursos que o bairro vem ganhando, a diminuição da violência etc. Também teve uma frequência significativa do assunto *projeto de extensão*, com 10%, em matérias que traziam o acompanhamento das ações do projeto, explicava seus objetivos e as dificuldades encontradas para sua execução.

A frequência maior de temáticas como *cotidiano e história e conquistas* do bairro demonstra como é construída a cultura dentro de uma comunidade, pois se tratam de assuntos que criam laços de pertencimento que serão compartilhados por todos e dará sentido às práticas realizadas no seio social.

Cabe observar ainda a frequência da temática *demandas da comunidade*, a maior inclusive, que prova que há um esforço em construir um repertório cultural comum que agregue as reivindicações do bairro. Observa-se com isso que os sujeitos, quanto mais conscientes de sua cultura e de seu papel na construção coletiva de sua realidade, podem conquistar maior espaço no conjunto de representações presentes na sociedade e, conseqüentemente, maior espaço político.

Nas oportunidades em que a comunidade teve para escrever, reportou-se essencialmente a assuntos como seu *cotidiano, suas demandas, história e conquistas do bairro*. Estes assuntos que apresentaram as maiores frequências, tanto no geral quanto quando a comunidade foi autora, também ganharam destaque quando o jornal foi autor. Isso prova que nesse quesito o projeto atendeu à expectativa da comunidade no sentido de oferecer aos moradores o conteúdo que gostariam de abordar, até pelo fato de no processo de construção do jornal ter havido sempre a consulta à comunidade, principalmente por meio de seus representantes, quando as pautas estavam sendo montadas.

Pôde-se constatar que dentre as *categorias de jornalismo comunitário*, houve uma maior presença de matérias com *conteúdo crítico-emancipador* (25,7%) que

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

visaram por uma emancipação política da comunidade com conteúdos que fossem capazes de fomentar uma reflexão crítica do cidadão. Outras categorias de maior visibilidade foram *identidades* e *viés educativo* com 21,4% de representação cada. Foram matérias em que o jornal procurou revelar os traços identitários dos moradores, buscando salientar as peculiaridades culturais do bairro, e matérias que evidenciaram o veículo na sua tentativa de ser um meio de conscientização e de produção de conhecimento que deve contribuir com a formação de sujeitos críticos e livres.

A categoria *laços de pertencimento/valorização da realidade local* teve 11,4% de matérias, quando o *Folha do Santa Bárbara* procurou fazer um resgate cultural do bairro e, com isso, fomentar uma cultura comum que, sendo compartilhada por todos, pode dar o tom da identidade que está sendo construída para o bairro.

Dentro dessas categorias do jornalismo comunitário foi possível perceber um protagonismo da comunidade em todas elas. Isso aconteceu, principalmente, nas matérias com conteúdo *crítico-emancipador* e *identidades* que também estão entre as categorias com maior frequência, conforme já demonstrado.

Outro dado que chamou a atenção foi o fato de a categoria *viés educativo*, que também apresentou frequência expressiva, apresentar um maior protagonismo de outros atores e do governo e/ou projeto HBB. O que foi previsível, pois se tratam de conteúdos instrutivos como matérias que falam sobre reciclagem de lixo, o trabalho dos líderes comunitários, ou que dão exemplos de outras iniciativas que podem servir para melhorar as condições de vida do bairro. Um exemplo encontrado é a matéria sobre mulheres de Foz do Iguaçu que também fazem artesanato com a reciclagem de lixo (*Folha do Santa Bárbara*, setembro/2008, p.04).

Dentre as *categorias de identidade* mais ressaltadas estão a condição de *povo trabalhador* (21, 4%); a situação de *dependência* (17,1%); *união e mobilização* (14,3%) e *comunidade em desenvolvimento* (14, 3%). Também é importante ressaltar os 10% de matérias que trouxeram a categoria *identidade/diferença*.

Com a análise das categorias de identidade, constatamos, primeiramente, o fato de o jornal trazer o discurso de que os moradores do Santa Bárbara são um *povo trabalhador*, a fim até de realçar uma boa característica do bairro e contribuir assim para formar uma imagem positiva do local. Com o destaque apresentado pela categoria

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

dependência, pode-se constatar que o jornal demonstrou que a comunidade, apesar das melhorias e de sua luta, ainda espera por atitudes do poder público para resolver determinadas questões.

Outro dado obtido com a análise das categorias da identidade foi a relevância que a questão da *união e mobilização* ocupou no jornal. Significa que o bairro foi representado como um lugar onde os moradores se unem em prol de suas demandas. A grande representatividade da categoria *desenvolvimento* é um indicativo da importância que o jornal atribui ao fato de a comunidade estar alcançando conquistas sociais e de infra-estrutura para o bairro.

A categoria *identidade/diferença* também teve destaque. Pode-se então afirmar que o jornal apresenta um discurso que reforça a identidade dos moradores em relação às diferenças que estes possam ter com o restante da sociedade palmense. Essa característica corrobora com a valorização dos moradores da comunidade contrastando com a imagem negativa que o bairro tem na imprensa e no imaginário das pessoas da capital, conforme se evidencia em qualquer conversa com moradores do Santa Bárbara.

Em todas as categorias de identidade houve algum protagonismo da comunidade, mas, sobretudo quando a identidade representada foi a de *povo trabalhador, união e mobilização e dependência*. É interessante observar que *desenvolvimento* também foi uma das categorias de identidade com grande representatividade. No entanto, o protagonismo das matérias que exaltavam essa categoria foi dividido entre comunidade, governo e/ou projeto HBB e outros atores. Isso significa que o desenvolvimento da comunidade é também representado atrelado às ações que são desenvolvidas por esses outros atores sociais.

A questão é que os conteúdos da identidade da comunidade foram construídos muito mais por outros grupos do que por ela própria, conforme os dados apresentados, em que é possível perceber que o jornal foi a principal voz a falar sobre a identidade do Santa Bárbara.

Em última análise pode-se afirmar que, ainda que os responsáveis do projeto de extensão tenham buscado captar o sentimento identitário do bairro, é possível constatar que há uma correspondência entre o que o jornal e a comunidade ressaltam sobre a identidade. Contudo, também há momentos em que isso não ocorre, como o fato de a

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

comunidade ter ressaltado o fato de o *bairro ser tranquilo e seguro* mais do que o jornal, no geral das categorias.

Também ocorreu de o jornal (Projeto de extensão) ter ressaltado a questão da *dependência* mais do que a comunidade ressaltou, entre todas as categorias citadas. Por um lado, atesta que a imersão na realidade da comunidade (melhor, a produção do jornal pela comunidade) é essencial para que o veículo possa constituir-se de fato um jornal voltado para o desenvolvimento social, emancipação e cidadania. Por outro, mostra que instituições sociais e/ou educativas (no caso, o projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins) atrelam construções discursivas macrossociais, como a situação de dependência, que podem contribuir para ampliar o potencial crítico do jornal comunitário.

De acordo com Pereira⁶, a presença de outros atores sociais contribui para dinamizar os discursos e ampliar os repertórios presentes na comunidade. Contudo, explorar a participação gradativa a fim de que os moradores exerçam sua emancipação deve ser um aspecto inerente aos primeiros processos de um projeto de comunicação comunitária. As escolhas dos meios, os assuntos abordados, devem ser protagonizados pela comunidade. A suposta idéia que gestores públicos, educadores entre outros, têm sobre uma determinada realidade impregna o olhar com as pré-noções, desde Durkheim refletidas, que prejudicam a compreensão do que é o “Outro”.

Conclusões

A partir da análise do conteúdo do *Folha do Santa Bárbara* constatou-se que o jornal comunitário pode tornar-se um espaço onde a comunidade constrói e/ou reforça sua identidade uma vez que “a comunicação popular [...] encerra as dimensões das contradições, dos conflitos e das lutas existentes nas sociedades” (PERUZZO, 2004, p. 139).

A participação da comunidade permite a apropriação de sistemas simbólicos e com a realização de práticas de significação que garantem a nossa representação no

⁶ Lúcia Helena Mendes Pereira, uma das coordenadoras do Projeto Proex/UFT, em entrevista às autoras.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

mundo. Trata-se de reconhecer que a comunicação é a grande responsável por (re)criar identidades e dar sentido à vida em comunidade nas práticas cotidianas uma vez que

na conjunção de trocas simbólicas as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais. A comunicação seria a responsável por sociabilizar essas identidades e promover o sentimento de pertencimento (FERNANDES; LEAL, 2008, p.08).

Percebemos que a comunidade teve uma pequena autoria e participação, que foi diminuindo a cada edição, na construção do jornal. Portanto, é o Jornal (Projeto de extensão) que assume a maior parte da responsabilidade pelo caráter de jornalismo comunitário. A participação na comunicação comunitária é um processo que precisa, aos poucos, ser construído. Cabe ainda ressaltar que nossa cultura política preza pelo autoritarismo ou pela delegação de poder. O somatório desses fatores, históricos e culturais, prejudicaram o desenvolvimento de um modo de fazer mais participativo no *Folha do Santa Bárbara*.

Foi importante observar que as mediações são inúmeras quando se discute a identidade e a construção de espaços participativos, e uma delas é a mediação da competência cultural (MARTIM-BARBERO, 1989). Os moradores apresentaram dificuldades para escrever no Jornal, principalmente pela baixa escolaridade, e os dados mostram que os responsáveis pelo projeto de extensão parecem não ter lidado com essa realidade. Diante disso, os alunos do curso de comunicação, muitas vezes sem um conhecimento maior sobre a realidade do bairro, foram incumbidos de dizer qual a identidade do Santa Bárbara.

Analisando as principais temáticas abordadas, constatamos que o jornal construiu um discurso no sentido de fazer um resgate da cultura/História e das demandas principais do Bairro tornando o jornal um repertório de significados coletivos, tanto nas mensagens de autoria do Jornal quanto da comunidade. A identidade do bairro observada nas edições do Jornal revelou a necessidade de a comunidade criar uma imagem positiva para o setor. Nesse momento, os limites entre o que é ou não é o Santa Bárbara são estabelecidos e criam um consenso sobre como classificar o mundo, como se posicionar no seu cotidiano em relação ao “Outro”.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Enfim, ao relacionar o jornalismo comunitário e a formação identitária podemos visualizar o quanto essas duas esferas estão amalgamadas. O *Folha do Santa Bárbara* apresentou uma identidade de *união e mobilização* e de *povo trabalhador* que corrobora com alguns princípios do jornal comunitário: a *postura crítica e emancipadora* e o estabelecimento de *laços de pertencimento*.

Também é possível afirmar que a busca do jornal em estabelecer as identidades do setor contribuem para construir relações de diferença, sobretudo porque houve uma valorização da realidade local, pontuando seu desenvolvimento. Mesmo com esses aspectos positivos, também observou-se que o jornal não foi um *meio educativo* e de *participação continuada* e isso acabou refletindo na representação de *dependência* dos governantes apresentada. Se os sujeitos não são ativos em seu processo comunicativo e, conseqüentemente, no seu aprendizado, não conseguem visualizar sua *autonomia e cidadania*.

Mesmo que os responsáveis do projeto de extensão tenham buscado captar o sentimento identitário do bairro, é possível ver que ao mesmo tempo em que há uma correspondência entre o que o jornal e a comunidade ressaltam sobre a identidade, também há momentos em que isso não ocorre, como o fato de a comunidade ter ressaltado a questão de *o bairro ser tranquilo e seguro* mais do que o jornal, no geral das categorias. Também ocorreu de o jornal ter ressaltado a questão da *dependência* mais do que a comunidade ressaltou, entre todas as categorias citadas. Questões como continuidade do projeto do jornal, mobilização e participação gradativa da comunidade, portanto, são fatores que deixaram de ser ressaltados na gestão do projeto.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BICUDO, Francisco; SEQUEIRA, Cleofe. Jornalismo Comunitário – Conceitos, Importância e Desafios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007,

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Santos-SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0507-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

BRINATI, Francisco Ângelo; LEAL, Paulo Roberto Figueira. Identidade Local e Imaginário Urbano no Telejornalismo: os 159 anos de Juiz de Fora no MGTV. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba – PR. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2009. 1 CD-ROM.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **PROGRAMA HABITAR BRASIL BID DISPONÍVEL EM:**
http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/federal/lista_completa_programas/programa_habitar_brasil.asp. acesso em: 13 nov. 2009.

FERNANDES, Guilherme Moreira; LEAL, Paulo Roberto. *Folkcomunicação, identidade e diversidade: a “brasilidade” múltipla retratada no show Brasileirinho de Maria Bethânia*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal – RN. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0582-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

GUIMARÃES, Valquíria; PEREIRA, Lúcia Helena. **Comunicação, Cultura e Cidadania no Santa Bárbara**. Palmas, UFT, 2006. (Projeto de Extensão).

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *A Comunicação no projeto de uma nova cultura política*. In: MELO, José Marques de (Org.) **Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

WOORWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.